

## **2. O ESTATUTO DO SUJEITO E A RELAÇÃO DE OBJETO: NOTAS DE UMA ONTOLOGIA PARA O EFEITO *UNHEIMLICHE***

*Alexandre S Barbosa*<sup>10</sup>

“Truth is an arrow, and the gate is narrow, that is passes through”  
Bob Dylan

*Das Unheimliche* é o título de um texto de Freud publicado em 1919, e considerado um de seus textos mais peculiares, com forte incidência linguística e literária e o de maior alcance no campo da estética (FREUD, 2019). O reconhecimento da importância desse texto foi gradativo, o que tem suscitado releituras e reinterpretações por ocasião do centenário de sua publicação. A partir da especificidade do efeito *Unheimliche*, analisamos a apreensão do real diante das representações estabilizadas do eu, e as determinações topológicas da relação de objeto (FREUD, 2006 e 2019).

### ***Das Unheimliche***

*Das Unheimliche* é a forma substantivada do adjetivo *unheimlich*, que constitui a forma negativada de *heimlich*, termo revela em si a contradição de uma dupla significação, ao introduzir o elemento de estranheza sobre a familiaridade referida a determinado objeto. O objeto *heimlich* é tanto conhecido e familiar quanto estranho e inquietante. A incorporação do prefixo *un-* nega cada um dos termos da dupla significação de *heimlich*, duplica e transpõe as significações desse termo em sua dupla inscrição, ao introduzir o movimento de um termo a outro. O adjetivo *unheimlich* representa tanto o elemento estranho que emerge do familiar quanto o elemento familiar que emerge do estranho. Em ambos os movimentos, ocorre uma tensão entre esses termos, numa contradição entre ambos que, numa apresentação plena desse efeito, se manifesta por angústia. Aqui será utilizado o termo substantivado, *das Unheimliche*, elevado à categoria de conceito, para investigar uma

---

<sup>10</sup> Doutorado em Medicina e Pós-doutorando em Filosofia – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: alexandre.oftalmo@gmail.com

dessas situações, aquela privilegiada no texto de Freud: a emergência do estranho a partir do substrato familiar (FREUD, 2019).

O presente trabalho tem como objetivo investigar o efeito *Unheimliche* como marcador do momento dialético da incidência do real na progressão do conceito, conforme proposto por Hegel, ao incidir sobre as representações autobiográficas referidas à identidade do sujeito. Minha proposta é apresentar uma leitura do efeito *Unheimliche* como momento de reconhecimento do objeto real da percepção a partir de sua congruência com as representações estabelecidas, referentes a esse objeto, e os destinos possíveis da incongruência entre tal objeto da percepção e sua representação, assim como as implicações de tal incongruência no estatuto desse objeto. A investigação quanto à relevância do acontecimento *Unheimliche* na progressão do conceito em Hegel terá como referência a *Ciência da Lógica* (HEGEL, 2012, 2017 e 2018), e a *Filosofia do Espírito* (HEGEL, 2011).

O efeito *Unheimliche* tem como base a constituição autobiográfica do conceito diante do real vetorizado no objeto de representação. O conceito constitui um domínio exterior à representação do objeto como portador de traços do real, embora tenha sido constituído por incorporação desses traços. O real incide sobre o conceito por meio do tensionamento de sua estrutura de representação.

Nas suas múltiplas referências quanto à caracterização do efeito *Unheimliche*, Freud privilegia a de Schelling, que propõe tal efeito pela revelação de algo já sabido e que tinha sido esquecido ou negado, e que deveria ter permanecido oculto, mas que na sua emergência se revela como ruptura de um pacto ou revelação de um segredo (FREUD, 2019). A negação de um saber é o pressuposto do efeito *Unheimliche*. Pelo efeito de verdade que acompanha a emergência desse saber negado, o efeito *Unheimliche* configura como momento dialético na progressão do conceito.

Freud se utiliza da literatura do romantismo alemão, sobretudo da obra de Hoffmann, para a caracterização do efeito *Unheimliche*, e apresenta o conto “O Homem de Areia” (*der Sandman*) como modelo da produção de tal efeito na literatura. Segundo Freud, a narrativa conduz o leitor ao encontro de um objeto real posto em relevo e que se destaca da narrativa. Tal objeto produz no leitor um efeito de irrealidade, pelo tensionamento a partir de um traço enigmático que emerge desse objeto. Em diferentes momentos de sua obra Freud demonstra a incidência do real vetorizado pelo objeto *unheimlich* sobre o conjunto de representações que se mostram incongruentes com tal objeto. Na elaboração de Schelling, o efeito

*Unheimliche*, é produzido na emergência, diante da percepção de determinado objeto, de uma representação já submetida ao recalque. Tal definição se fundamenta no efeito de verdade produzido pela revelação do que tinha sido negado à consciência. O efeito *Unheimliche* coincide com o momento de perda de opacidade a esse saber, e constitui momento de progressão do conceito, conforme proposto por Hegel.

Freud, em um de seus textos mais tardios, escrito 17 anos após *Das Unheimliche*, nos apresenta o exemplo mais rico de tal efeito, ao fazer o testemunho de um fato ocorrido cerca de 30 anos antes, sobre o qual nunca tinha escrito e que o tinha acompanhado como enigma, até então sem interpretação. Nesse texto, intitulado “Um Distúrbio de Memória na Acrópole” (1936), Freud relata que, diante da Acrópole e apenas nesse instante, quando a viu “com os próprios olhos”, Freud duvidou da existência daquele monumento, que conhecia muito bem desde a sua infância “por meio dos livros de história”. Rememorando as ruas do bairro judeu de sua infância e os limites impostos pelo pai, que lhe indicava até onde poderia ir, a conclusão de Freud é que ele nunca tinha se imaginado diante daquele monumento, nunca tinha imaginado que pudesse chegar tão longe. No relato autobiográfico, Freud muda sua perspectiva quanto ao objeto Acrópole. A Acrópole para Freud tinha sido constituída como objeto do conhecimento, e não de objeto real. As impressões do objeto Acrópole incidiram sobre a história autobiográfica desse sujeito, constituída a partir da estrutura das representações do eu, e permitiram a mudança do estatuto desse objeto particular.

### ***A topologia em Freud***

O *Unheimliche*, conforme proposto por Schelling, pressupõe o inconsciente. Uma primeira topologia da consciência foi proposta por Freud em seu texto “Projeto para uma psicologia científica” (1895), onde estabelece os sistemas da percepção e da representação. O sistema da percepção se organiza como superfície de inscrição do objeto, o que permite ao sujeito o acesso a traços do real. Segundo Freud, o sujeito não tem acesso à totalidade da experiência do objeto real, que só pode ser inscrito por determinados traços acessíveis à representação a cada momento. O sistema da representação se estabelece simbolicamente a partir do sistema da percepção, modulado pelas representações já produzidas como formações estabilizadas no

interior do próprio sistema. Inversamente, o sistema da percepção é modulado pela estrutura dessas representações já consolidadas.

No Projeto, Freud define o eu como núcleo de representações estabilizadas simbolicamente a partir desse duplo registro: o real fragmentado na inscrição do objeto no sistema de percepção e o corpo simbólico constituído pelo sistema de representação, que, embora tenha sido alimentado pelas impressões do real, progride independentemente desses traços e dos objetos que os veiculam. Entre os registros do real e do simbólico se estabelece o registro imaginário, primeira instância de inscrição do real, a partir do qual são produzidas figuras que serão estruturadas pelo registro simbólico (LACAN 1994 e 2010). Embora o sistema da representação tenha se formado a partir da percepção, a constituição do eu impõe restrições às possibilidades de representação, negando aquelas não congruentes com a estrutura autobiográfica do eu. Tais representações consolidadas se interpõem na relação do sujeito com os traços do real inscritos no objeto, e a percepção dos objetos particulares é confrontada com as representações desse objeto constituídas na autobiografia do sujeito.

A percepção do objeto mobiliza um arco de representações que resulta na decisão quanto a congruência entre a percepção (*Wahrnehmung*) do objeto e sua representação (*Vorstellung*). A mobilização de tal arco tensiona essa estrutura e mobiliza representações que não estão diretamente relacionadas à representação de cada objeto particular, e visa a decisão pela congruência entre percepção e representação. Tal decisão coloca em questão tanto a existência do objeto real quanto a validade de sua representação. Esta, embora seja referida ao objeto da percepção, apresenta determinações de todo o sistema da representação referido à estrutura de identidade do eu. A mobilização de tal arco de representações incide e perturba a estrutura simbólica a qual está inserida. Na incongruência entre percepção e representação, o tensionamento do conjunto das representações autobiográficas relacionadas à identidade do eu constitui a base do efeito *Unheimliche*. Freud afirma que o sujeito tem a necessidade (*Bedürfnis*) de que a representação encontre a percepção do objeto (FREUD, 2010). Para Freud, o objetivo do eu é a preservação de sua própria identidade, mesmo que ao preço da renúncia do objeto.

Embora as representações autobiográficas estabilizadas na estrutura do eu constituam determinantes formais da relação de objeto, é o espaço vazio de representação, nomeado por Freud *das Ding*, que produz, segundo esse autor, o vetor

da relação do sujeito com seus objetos particulares. A noção de *das Ding* foi formulada por Freud a partir de uma leitura particular do conceito de *ding-in-sich* de Kant. Na perspectiva do objeto, *das Ding* permite a correspondência de objetos incongruentes da percepção e da representação, por meio do preenchimento imaginário do espaço vazio de representação (FREUD, 2010). Nessa perspectiva, *das Ding* pressupõe uma margem de indeterminação que escapa à representação, como um apagamento dos limites do objeto e um esvaziamento de seu conteúdo (HEGEL, 2010).

Uma topologia estrutural é concebida para *das Ding*, tomada na perspectiva do sujeito. Freud e posteriormente Lacan estabeleceram *das Ding* como espaço vazio no centro do corpo de representações do sujeito, exterior à sua estrutura simbólica, e que constitui o núcleo negativo, descentrado e simétrico ao núcleo das representações do eu (FREUD, 2010). *Das Ding* é delimitada pelo simbólico externo a si, e atua, fora da linguagem, na produção do vetor que estabelece cartografia simbólica da relação do sujeito com seus objetos particulares (LACAN, 1994 e 2010). Embora não seja tocado pelo simbólico, *das Ding* determina a ordenação das representações referentes ao objeto, como lugar de reflexão das representações do eu.

O efeito *Unheimliche* pressupõe o recalque. Na topologia da consciência, o recalque (*Verdrängung*) é uma noção central, modalidade privilegiada e estruturante de negação (*Verneunung*). Ao interditar a transposição de uma representação do domínio inconsciente para a consciência, o recalque estabelece uma relação topológica entre esses domínios estruturados por leis distintas. O recalque como negação estruturante da dialética inconsciente foi amplamente investigada por Freud, e se estabeleceu como uma das noções centrais da psicanálise. A demonstração clínica da negação operada no recalque fundamenta a própria noção do inconsciente freudiano. A negação estruturante operada pela via do recalque determina e preserva o corpo de representações autobiográficas que conferem a identidade do eu diante da experiência com o real materializada na relação de objeto. O retorno do recalado é o momento de contradição entre percepção e representação, intervalo entre a emergência do real e a mobilização de um arco das representações autobiográficas estabilizadas nessa estrutura. Diante da contradição entre percepção e representação, se estabelece um duplo julgamento (*Urteil*), que incide tanto sobre o real do objeto e quanto sobre a estrutura simbólica do conceito.

A produção do recalque apresenta relação recíproca com a constituição de uma superfície privilegiada de reflexão que se interpõe entre o domínio da consciência e o do inconsciente. Tal superfície reflexiva estabelece diferentes destinos para o trilhamento das representações inconscientes passíveis de transposição para a consciência (FREUD, 2006). O recalque constitui a negação do acesso à consciência a determinadas representações de objeto, que permanecem opacas à consciência. A negação determinada que constitui o recalque preserva e reproduz a estrutura das representações autobiográficas do sujeito, e constitui, na perspectiva da consciência, um momento abstrato do conceito.

Ao renunciar o objeto *unheimlich*, o sujeito nega o real que o confronta com a estrutura das representações autobiográficas que lhe conferem identidade. O julgamento quanto ao estatuto desse objeto opera no arco de representações que este estabelece no arcabouço simbólico que produz e estabiliza as figuras imaginárias que compõem a representação do eu em sua memória autobiográfica (LACAN, 1994 e 2010). O julgamento não incide apenas sobre do objeto em sua forma contingente, mas também sobre o reconhecimento necessário de si, operado pelo sujeito por meio da reflexão sobre a série de seus objetos particulares, configurando para o sujeito a possibilidade do movimento dialético.

### ***Identidade do eu e progressão do conceito***

No efeito *Unheimliche*, a emergência do real desestabiliza as representações autobiográficas do sujeito. O objeto *unheimlich* captura o sujeito ao tensionar a estrutura dessas representações, que constituem seu corpo simbólico, ao testar o conceito em sua eficácia simbólica (LACAN 1994 e 2010). Um dos destinos possíveis desse tensionamento é o *fading* das representações estabilizadas referidas à identidade do eu, o que revela a falha estrutural desse reconhecimento de si no objeto. Outro destino possível é a renúncia ao objeto, em favor da preservação da estrutura simbólica das configurações estabilizadoras do eu, e a impossibilidade de integração desse material à consciência. Portanto, diante do objeto *unheimlich* abre-se a possibilidade de progressão do conceito, efeito do tensionamento e sobre o conceito cindido e reconsolidado pela incorporação da verdade revelada por tal objeto. Esse objeto privilegiado tensiona o conceito, constituído, a partir da relação de objeto. O

*fading* do sujeito diante da emergência do objeto *unheimlich* revela a falha estrutural desse reconhecimento de si nos objetos familiares.

Hegel apresenta a dialética da progressão do conceito no percurso da Ciência da Lógica. O conceito parte do ser como objeto vazio de pressupostos e progride a partir da autoprodução de suas determinações, em um processo de complexificação e reconsolidação progressivas (HEGEL, 2018). A progressão do conceito reconstitui e revela sua verdade, a partir do movimento dialético de suas diferentes formas (HEGEL, 2018). O domínio da representação se constitui na produção do movimento reflexivo no objeto no domínio da essência, momento necessário na produção do conceito, para além de suas imagens contingentes. O domínio do conceito é distinto das representações que o constituem como momento necessário de sua progressão. Na dialética da progressão do conceito, a representação de objeto é determinada pela estrutura simbólica do corpo de representações estabilizadas, como superfície de inscrição da assinatura do sujeito como marca de sua presença e de sua autoria (FERRARIN, 2019). Tal assinatura se refere à história do percurso do sujeito na escolha de cada um de seus objetos particulares. Ao incorporar tais incidências do real do objeto *unheimlich*, o conceito é posto à prova, em sua consistência e estabilidade. O sujeito se presentifica por sua inscrição no objeto, o que revela a estruturação simbólica das representações do objeto no campo da linguagem e a produção de fundamento que opera a passagem para o domínio do conceito.

As referências a um estatuto do sujeito em Hegel aparecem em vários momentos da Ciência da Lógica a partir do domínio da essência, e sobretudo no domínio do conceito, onde o autor estabelece uma correspondência entre sujeito e conceito, e propõe estabelecido como conceito e definido por uma clivagem (HEGEL 2012 e 2018). A produção dessa clivagem é o fundamento da progressão do conceito, e desvela o espaço vazio na estrutura do sujeito, a ser preenchido (imaginariamente) por um objeto absoluto (HEGEL, 2018). A dialética da relação de objeto se estabelece a partir desse espaço vazio percorre a estrutura das representações do sujeito, estabilizadas em sua produção de identidade. Tal espaço estabelece a estrutura topológica do conceito e determina a relação de objeto, por ser incongruente com cada um dos objetos particulares. Hegel afirma que a relação de objeto se estabelece a partir dos elementos do sujeito que lhe conferem identidade (HEGEL, 2018).

O sujeito se constitui a partir da relação de objeto. O conceito, conforme proposto por Hegel, se revela e se determina pelo espírito em sua alteridade. Na

Doutrina do conceito, a relação de objeto proposta por Hegel é fundamentada na supressão e incorporação do objeto. A supressão do objeto constitui o momento abstrato do conceito que reproduz a si e reproduz o eu em sua identidade. Essa relação se contrapõe àquela estabelecida na figura do escravo na clássica passagem da “Dialética do Senhor e do Escravo” tomada como dialética do reconhecimento. Nessa passagem, Hegel analisa o percurso do reconhecimento de si pelo escravo, possibilidade permitida somente a ele, na fabricação do objeto (HEGEL, 2011). Ao produzir o objeto que será a cada vez destituído de si, o escravo se reconhece a cada vez distinto de si. Uma metáfora para a produção do objeto é o trabalho de polimento do metal e a produção da primeira superfície especular. A produção do objeto constitui o momento dialético do conceito, fundamento de sua progressão, ao passo que a supressão do objeto constitui seu momento abstrato. Enquanto permanece em si, afastado do outro, o espírito é desconhecido de si (FERRARIN, 2019). No primeiro momento de sua identidade, o eu é igual a si. Ao fazer a enunciação de si, ao se enunciar como “eu”, este se destaca do objeto, e se constitui como a primeira determinação abstrata do espírito. O eu se reconsolida por meio da produção do objeto e da reflexão de si no objeto. A relação de objeto é estruturante para o sujeito.

O efeito *Unheimlich* se refere ao próprio estatuto do objeto diante da progressão do conceito. No testemunho de Freud, ao objeto Acrópole era destinado o lugar de objeto do conhecimento, e não de objeto real. A percepção desse objeto real incidiu sobre as representações de sua memória autobiográfica desse sujeito, tendo permanecido como enigma, em que a própria existência desse objeto foi questionada. A elaboração de Freud a partir do estatuto do objeto incidiu sobre a memória autobiográfica desse sujeito. A especificidade da experiência relatada por Freud se fundamenta no tensionamento produzido pela incidência do objeto real no corpo de representações autobiográficas do sujeito. Tal tensionamento coloca em questão o reconhecimento de si diante do objeto *unheimlich* (FREUD, 2019).

Freud aproxima o efeito *Unheimliche* daquele produzido pelo objeto sublime da estética, conforme proposto por Schelling (FREUD, 2019). Esse objeto revela o conflito na relação recíproca entre forma e conteúdo, em que cada termo ultrapassa seu outro. Tal conflito é complexificado pela duplicação dessa relação recíproca nas formas de percepção e representação do objeto (FREUD, 2010). O conflito revelado pela incongruência entre percepção e representação constitui o momento dialético de progressão do conceito. Freud afirma que o confronto entre a percepção do objeto e

a estrutura de suas representações determina a relação do sujeito com cada um de seus objetos particulares.

A elaboração quanto à função do eu foi examinada por Lacan, ao propor que o eu, em seu primeiro momento, se constitui como imagem, apreendida pelo sujeito como formação imaginária, e que produz uma sutura das representações arcaicas fragmentadas de sua identidade arcaica. Tal estrutura imaginária é delimitada no registro simbólico, em oposição ao objeto, do qual se diferencia. Tal registro simbólico delimita o eu e o distingue dos demais objetos. Tal eficácia simbólica, conforme proposta por Levi-Strauss, é testada no confronto entre a representação do objeto o corpo de representações que conferem a identidade imaginária do eu (LACAN, 1994 e 2010). As representações autobiográficas se aglutinam em torno do eu, que constitui o núcleo e ponto de convergência desse sistema (FREUD, 2010).

Na progressão do conceito, a imagem é envolvida pela palavra. A doutrina da essência corresponde à dialética da produção da imagem, que tem como mediação o movimento reflexivo como evento óptico (BARBOSA, 2018). A produção da essência se aprofunda na estabilização de determinadas figuras, num movimento reflexivo no domínio da representação do objeto e produção de fundamento. O conceito então progride por meio de representações de objeto envolvidas por representações de palavra, que atuam como representações representadas do objeto (FREUD, 2006).

Nessa progressão dialética, a representação do objeto (imagem) dá lugar à representação de palavra (linguagem), correlatos, respectivamente, à essência e ao conceito (FREUD, 2006). As representações de palavra são incorporadas à imagem, organizando e complexificando o conceito em sua estrutura. Na medida em que o conceito se espiritualiza e se autodetermina, ele se afasta de suas representações de imagem. A linguagem se autodetermina como conceito, e passa a ser o elemento estruturante da produção das imagens formadas no sistema de representações. A autodeterminação no domínio da linguagem, independente da palavra, faz com que o conceito de estrutura para além da imagem do objeto, e mesmo para além do real. O objeto não está fora do conceito, mesmo que esteja fora da consciência. Na produção do conceito, a essência produz seu fundamento como transposição para o registro da linguagem (FERARIN, 2019). Hegel introduz a linguagem como representação da representação, ou representação representada, que constitui um segundo domínio de representação para além da representação do objeto.

O efeito *Unheimliche* é produzido por objetos e representações que penetram nas fendas dessa estrutura do conceito, e revelam uma verdade ao sujeito não congruente com sua estrutura, ou mesmo presentificada como imagem negativa, verdade negada e esquecida que perturba a estrutura do conceito. O efeito *Unheimliche* é um marcador de que essa verdade alcançou a conceito nas fendas de sua estrutura, e o ultrapassou em sua progressão. Verdade negada, ainda não capturada pelo conceito.

O eu constitui produto e formação (*Bildung*) mediadora da experiência do sujeito com real, por meio do qual se distingue do objeto ao qual se refere e diante do qual se constitui. O sujeito se anuncia como “eu”, em seu primeiro momento abstrato, momento considerado por Hegel um momento fundamental na produção do conceito, em que o eu se afirma e se distingue do objeto. Nesse momento abstrato da produção do conceito, o eu é distinto do seu devir, e permanece igual a si, sempre em defasagem em relação ao movimento do conceito. O eu abstrato é sempre igual a si, é compromisso e promessa de consistência e permanência diante da experiência com o real. O eu como momento abstrato do conceito, concebe um objeto igualmente abstrato.

O eu constitui produto do conceito, que o atravessa e o descentra, o desloca e o destitui para além de sua identidade, como condição dialética de seu próprio automovimento. O eu não constitui a origem, o fundamento ou a condição do conceito, e sim seu produto, e revela a relação recíproca entre as determinações de sua identidade e suas representações do objeto. O eu é resgatado e reconstituído no movimento do conceito. Seu momento dialético consiste na relação negativa do eu consigo, que o faz distinto de si (FERRARIN, 2019). A relação de objeto é estruturante e fundamentada na sua própria negatividade. Hegel concebe a alteridade dentro do eu, em oposição interna a si, produto da divisão do sujeito. A consciência de si apreende o objeto como negatividade a partir da qual retorna para si.

Hegel relaciona o momento dialético da divisão do sujeito com o estabelecimento da relação de objeto. A busca pelos objetos particulares constitui o correlato dessa divisão do eu. A cisão do conceito estabelece a consciência do objeto como momento da consciência de si. Na progressão da consciência de si a partir da consciência do objeto, o sujeito interioriza esse objeto e dele se apropria, recompondo-o com as próprias determinações do eu (FERRARIN, 2019). O objeto internalizado e reconstituído como *Bildung* agora apresenta em si as determinações

do sujeito sobre os traços do real. O conceito afasta o sujeito do objeto real e assim estabelece uma relação com o real.

### **Produção do conceito**

As determinações que operam o automovimento do conceito são internas ao conceito, distintas das determinações do objeto real. O conceito (*Begriff*) se estabelece a partir da captura (*begreifen, greifen*) de traços do real por meio das as representações de objeto e estabilizadas pelo corpo de representações autobiográficas do sujeito. O conceito é constituído pelas formas de representação possíveis do objeto, organizadas pelas representações representadas desse objeto na linguagem, que incidem sobre as formas que o objeto real assume em sua contingência. A relação recíproca entre sujeito e objeto define a relação de objeto, como forma de aparecimento do conceito. O efeito *Unheimliche* constitui o momento dialético de *fading* da identidade do eu na progressão do conceito, momento em que o corpo de representações do eu é tensionado. A verdade da consciência do objeto emerge na consciência de si, no domínio do conceito. A verdade não constitui produto final do conceito, e sim o que opera sua progressão e todo o seu percurso (HEGEL, 2012).

A produção do conceito ocorre na linguagem, que opera uma síntese. A identidade da representação é função desse efeito sintético da linguagem, que fixa os objetos em sua identidade, como momento abstrato necessário à progressão do conceito (FERRARIN, 2019). Sob efeito da progressão do conceito, a linguagem opera a negação (imagem negativa da representação), a síntese, o deslocamento, o deciframento e a ressemantização na relação de objeto. A autoprodução do conceito reconstitui o objeto e modifica seu estatuto. Tal objeto, produzido a partir dos traços do real, adquire a assinatura do sujeito, para além do real do objeto.

O objeto está inserido no conceito e carrega em si o conceito. Embora o conceito seja alimentado com os traços do real, o conceito opera a própria transformação do objeto, produzindo uma dissimetria entre objeto real e o objeto representado na sua autoprodução (FERRARIN, 2019). O objeto *unheimlich* movimenta essa dialética, ao mobilizar as representações do objeto e desestabilizar as representações autobiográficas da identidade do sujeito. No momento dialético, entretanto, fica manifesta a contradição entre o conceito e o objeto, que deixa de

coincidir com as formações já estabelecidas do conceito. Os objetos familiares, que não colocam para o sujeito a questão do deciframento, não movimentam o conceito.

Na consciência de si, o sujeito passa a ter consciência da relação entre objetos contingentes da representação e os determinantes autobiográficos do conceito em sua progressão. No elemento lógico (*das Logische*), o objeto é suprimido em sua aparência e reduzido a sombra de sua negatividade. Na progressão da consciência de si o conceito de reflete sobre si na superfície do objeto. Nos momentos abstratos do conceito, o eu se apropria do objeto e o torna familiar, referido à sua própria identidade (FERRARIN, 2019). Em seu momento dialético, o conceito ultrapassa o objeto (FERRARIN, 2019). O conceito se desloca de sua identidade ao mesmo tempo que retorna ao seu fundamento. Nesse percurso, o conceito se estabelece como existência e o eu adquire a forma do conceito.

O conceito constitui o eu, sempre distinto de si, em seu movimento (FERRARIN, 2019). A verdade do eu é sua relação negativa consigo. O estatuto do eu é o próprio conceito em suas diferentes formas e momentos dialéticos. O sujeito é definido por sua cisão, por sua contradição e desigualdade absoluta consigo, como estrutura topológica que se autodetermina pela cisão dentro de si em seus momentos dialéticos, que constituem negação determinada fundamentada no julgamento (*Urteil*) sobre si.

A autoprodução do conceito se constitui no seu próprio aparecimento, que opera a precipitação de suas formas imediatas, como registro de seus diferentes momentos. As formas uma vez formadas persistem como memória desse percurso. O conceito transforma o objeto e modifica seu estatuto, o que permite que a verdade do objeto possa emergir na consciência. Tal verdade é produto da progressão do conceito, que se constitui na linguagem (FERRARIN, 2019). As categorias do pensamento constituem categorias da linguagem, fora do formalismo da gramática e tensionando seus limites. Enquanto o conceito movimenta a linguagem, esta materializa o conceito. O conceito busca corresponder a si mesmo diante de externalidade da linguagem.

### ***Reconhecimento de si***

A consciência de si constitui a busca de si, e o desejo de si (FERRARIN, 2019).

Na dialética do reconhecimento, a relação de objeto apresenta duas perspectivas principais: na doutrina do conceito, o sujeito suprime e incorpora o objeto, e assim se reproduz; na fenomenologia o sujeito trabalha sobre o objeto e se reconhece refletido por ele. Em ambos os casos ocorre o desaparecimento do objeto: no primeiro caso o próprio sujeito o suprime; no segundo caso o objeto é destituído do escravo pelo senhor, e é este que o suprime e se reproduz. O escravo retoma o trabalho sobre um novo objeto a cada vez, e se faz representar no objeto, sempre diferente de si (HEGEL, 2011). Quando o sujeito reproduz a si, ele mantém a contradição consigo. Essa contradição é suspensa por meio do trabalho sobre objeto.

O conceito preenche o seu objeto fora da consciência. Para Hegel, a negação determina a progressão do conceito fora da consciência, como subjetividade opaca a si mesma, que não é distinta do corpo, embora seja o primeiro momento do espírito. O eu não é exclusivo ao logos, e envolve a pulsão (*Trieb*) e o desejo (*Begierde*). A consciência de si não é produto do reconhecimento pelo outro, mas do reconhecimento das determinações exteriores à consciência. Na Dialética do Senhor e do Escravo, o senhor demonstra o compromisso com sua identidade enquanto o escravo suporta a destituição de sua identidade diante do senhor. O trabalho sobre o objeto orienta ao mesmo tempo que materializa o desejo do escravo, constituindo trabalho sobre trabalho que transforma o sujeito na produção do seu objeto. O reconhecimento entre o senhor e o escravo tem a estrutura de um impasse. Entretanto, a dialética da relação de objeto, possibilidade reservada apenas ao escravo, se estabelece como dialética do reconhecimento de si (HEGEL, 2011).

A fenomenologia conduz a um saber absoluto, o saber no qual a verdade emerge e opera, em cada um de seus momentos. Na produção da consciência de si, o saber absoluto constitui a apropriação do sujeito de sua própria história e de seus objetos. Embora o primeiro momento da subjetividade tenha sido marcado pela oposição ao objeto, a progressão da consciência de si se produz a partir dos objetos interiorizados, que refletem o eu em seus diferentes momentos. Em seu automovimento, o conceito se reconstitui e retorna a si, para além da identidade do eu, ao estabelecer sua verdade no percurso por cada um de seus objetos.

## Referências

BARBOSA, Alexandre S. Essência, aparecimento e autodeterminação em sistemas

complexos. Implicações de uma dialética reflexiva na autoprodução da forma. In: BAVARESCO, A. *Leituras da Lógica de Hegel Vol II*. Porto Alegre: Fi, 2018, p. 31-40.

FERRARIN, Alfredo. *Thinking and the I. Hegel and the Critique of Kant*. Evaston: Northwestern University Press, 2019.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. O Infamiliar. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Tradução Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Completas de Sigmund Freud Volume 1. Publicações pé-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. 1.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da Lógica. 2. A Doutrina da Essência*. Tradução Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da Lógica. 3. A Doutrina do Conceito*. Tradução Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2018

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas. I. A Ciência da Lógica. 3 ed.* Tradução Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 2012.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas. III. A Filosofia do Espírito*. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 2011.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro I: Os escritos técnicos de Freud*. Tradução Betty Milan. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro II: O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Tradução Marie Christine Laznik Penot. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.